

sentado a maior despesa da guerra — traziam inconvenientes, pois a substituição era difícil, no trabalho das lavouras, quando não eram impossíveis. Outro efeito, que passava despercebido no momento, estava no estímulo implícito que o processo conferia à extinção do escravismo: esse efeito tornou-se evidente logo depois de finda a guerra. As notas da *Opinião Liberal* refletem a fase de estagnação das operações militares, que se seguiu ao insucesso de Curupaiti. Caxias, mais uma vez, salvaria as instituições: depois de prolongado período de preparação — justamente para, entre outras coisas, receber, enquadrar e instruir as massas de libertos que o recrutamento lhe proporcionou — encetou as operações que, iniciadas com a manobra de flanco, foram coroadas com as vitórias da *Dezembrada*, que liquidaram as possibilidades de resistência das forças de Lopez. A guerra não teve, no Brasil, em toda a sua longa duração, boa imprensa. Mesmo em seu início: o *Diabo Coxo*, folha ilustrada mantida por Ângelo Agostini, em S. Paulo, publicava, em sua edição de 27 de agosto de 1865, o seguinte, na seção “Prêmios de Concurso”: “Ao venturoso mortal que descobrir a predileção e notar o entusiasmo popular pela atual guerra do Brasil contra o Paraguai: um par de olhos de lince”. Na mesma edição e seção aparecia isto: “A quem descobrir um meio espontâneo de apreender voluntários para o serviço patriótico da guerra: carta branca de recrutador”.

A 12 de maio de 1869, aparecia, na Corte, *A Reforma*; seu manifesto de lançamento, de março, era assinado por José Tomás Nabuco de Araújo, Bernardo de Sousa Franco, Zacarias de Góis e Vasconcelos, Antônio Pinto Chichorro da Gama, Francisco José Furtado, José Pedro Dias de Carvalho, João Lustosa da Cunha Paranaguá, Teófilo Benedito Otoni e Francisco Otaviano de Almeida Rosa. O novo jornal seria impresso na tipografia de Francisco Sabino de Freitas Reis, comprada, adiante, pelo Centro Liberal; teve oficina própria, por volta de 1870. *A Reforma* defendia o programa liberal: reforma eleitoral, reforma judiciária, abolição do recrutamento militar e da Guarda Nacional, abolição da escravatura. Falava grosso: “Ou a reforma ou a revolução”. Ouro Preto assumiria a direção do jornal, em janeiro de 1872. Foi quando foi trabalhar ali João Henriques de Lima Barreto, pai do romancista, egresso do *Jornal do Comércio*, formado no Instituto Artístico, de Henrique Fleiuss. Ajudavam Ouro Preto, Dias da Cruz, Prado Pimentel, Bezerra de Menezes, Teófilo Otoni, Carlos Afonso, Cesário Alvim e aquele que seria a alma do jornal, Joaquim Serra.

As inovações técnicas que permitiram o advento da gravura e, conseqüentemente, da caricatura, na imprensa brasileira, deram-lhe considerável impulso, asseguraram novas condições à crítica e ampliaram a sua influência. Nesse sentido, o humorismo foi precursor da caricatura, que apareceu